



A GEOGRAFIA E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: DA LEI 10.639/03 PARA O CHÃO DA ESCOLA EM DOURADOS/MS

Lidiane Cristina Lopes Garcia de Souza¹
Gabriele Carvalho Guimarães²
Claudia Marques Roma³

RESUMO

O trabalho aqui proposto está vinculado ao projeto “Práticas socioespaciais cotidianas e territórios de *escrevivências*: potencialidades da leitura da obra/vida de Carolina Maria de Jesus”⁴, e é fruto de pesquisas iniciais e da prática docente cotidiana realizadas em 2025, as quais, porém, já apontam resultados acerca de uma Educação Antirracista em Dourados, Mato Grosso do Sul. Assim, a fim de fortalecer a Lei 10.639/2003 e aprofundar discussões sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) na Geografia, este trabalho propõe reflexões a partir da análise e de questionamentos acerca da contribuição das Geografias Negras na construção da identidade no espaço escolar. Avalia-se a aplicabilidade de uma Educação Antirracista, mediante análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) de uma escola estadual em Dourados/MS, e a idealização de um produto educacional, nomeado “Cartilha Antirracista”, fruto de uma construção coletiva, tendo em vista uma abordagem teórico-metodológica de Geo-grafias negras – interdisciplinar e de múltiplas linguagens centralizadas na agência africana, afrodiaspórica e afro-brasileira –, conforme legislação vigente e os orientativos curriculares do estado. Com o objetivo de apontar potencialidades e alternativas de quem ensina de forma antirracista e interdisciplinar, a pesquisa contribuiu para pensar Geo-grafias Negras e Geografias Negras.

Palavras-chave: Educação Antirracista; Geo-grafias Negras, Relações Étnico-Raciais; Lei 10.639/03.

RESUMEN

El trabajo aquí propuesto está vinculado al proyecto “Prácticas socioespaciales cotidianas y territorios de *escrevivências*: potencialidades de la lectura de la obra/vida de Carolina Maria de Jesus”, y es fruto de investigaciones iniciales y de la práctica docente cotidiana realizadas en 2025, las cuales, sin embargo, ya señalan resultados en relación con una Educación Antirracista en Dourados, Mato Grosso do Sul. Así, con el objetivo de fortalecer la Ley 10.639/2003 y profundizar las discusiones sobre la Educación para las Relaciones Étnico-Raciales (ERER) en la Geografía, este trabajo propone reflexiones a partir del análisis y de cuestionamientos acerca de la contribución de las Geografías Negras en la construcción de la identidad en el espacio escolar. Se evalúa la aplicabilidad de una Educación Antirracista, mediante el análisis del Proyecto Político Pedagógico (PPP) de una escuela estatal en Dourados/MS, y la idealización de un producto educativo, denominado “Cartilla Antirracista”, fruto de

¹ Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados - MS, lidiane.souza051@academico.ufgd.edu.br

² Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados - MS, gabriele.guimaraes039@academico.ufgd.edu.br.

³ Professora orientadora: Doutora, Faculdade de Ciências Humanas - MS, claudiaroma@ufgd.edu.br.

⁴ . O projeto articula ensino, pesquisa e extensão. Instituição de execução: Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Instituições parceiras: Programa de pós-graduação em Letras – UFGD, Programa de pós-graduação em Geografia – UNESP-PRESIDENTE PRUDENTE, Programa de pós-graduação em Geografia – USP, Programa de pós-graduação em Geografia – UFFS. Financiamento: CAPES – PDPG Políticas Afirmativas.

una construcción colectiva, teniendo en cuenta un enfoque teórico-metodológico de Geo-grafías negras – interdisciplinar y de múltiples lenguajes centralizados en la agencia africana, afrodiaspórica y afrobrasileña –, según la legislación vigente y las orientaciones curriculares del estado. Con el objetivo de señalar potencialidades y alternativas para quienes enseñan de forma antirracista e interdisciplinar, la investigación contribuyó a pensar las Geo-grafías Negras y las Geografías Negras.

Palabras clave: Educación antirracista, Geo-grafias Negras, Geografías Negras, Relaciones Étnico-Raciales y Lei 10.639/03.

INTRODUÇÃO

O currículo escolar “formal” da Educação Básica, sob a perspectiva eurocêntrica, permaneceu intacto por muito tempo. Esse tipo de educação objetiva a formação de um espaço produzido por sujeitos numa perspectiva universalista, homogênea e, conseqüentemente, excludente.

Levando em consideração estes aspectos, propomos reflexões iniciais acerca da contribuição das Geo-grafias Negras – conforme Guimarães (2020) são leitura de grafias ou marcas (Geografias Negras) deixadas pelas sociedades no espaço-tempo – na construção da identidade de corpos/sujeitos negros(as) no espaço escolar do município de Dourados/MS e de uma Educação Antirracista mediante análise de Projeto Político Pedagógico (PPP) – documento construído pela comunidade escolar que institucionaliza as ações no “chão da escola” –, e iniciarmos a construção de um produto educacional, batizado “Cartilha Antirracista”.

A importância deste trabalho se assenta no fato de fortalecer a Lei 10.639/2003, aprofundar discussões sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) na Geografia, contribuindo para a construção de um campo de estudo específico e próprio: Geografias Negras (Guimarães, 2020). Assim, evoca-se visibilizar o protagonismo da maioria da população para enaltecer seus ancestrais. Acreditamos que este processo começa na escola e pensamos que a(o) docente de Geografia é uma(um) das(os) responsáveis por este processo.

Nas práticas cotidianas da escola, durante o ano letivo, percebe-se que, apesar de avanços, há um longo trajeto a ser percorrido para efetiva aplicação da Lei 10.639/2003 – que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileiras em todas as escolas do país. Neste sentido, é preciso desenvolver uma consciência racial efetiva e identidade, pois “Ser negro no Brasil é frequentemente ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo. Essa ambigüidade marca a convivência cotidiana, influi sobre o debate acadêmico e o discurso individualmente [...]” (SANTOS, 2000).

Embora se percebam investidas menos ou mais empenhadas em contribuir com a agenda antirracista no Mato Grosso do Sul – as quais, embora tardias, refletem um crescente interesse pela temática, movidas pela própria necessidade de popularização de sua discussão – o objetivo principal é apontar potencialidades da Geografia e de quem a ensina de forma interdisciplinar para o debate das relações étnico-raciais, buscando alcançar a efetivação de uma Educação Antirracista por meio de Geo-grafias Negras no espaço escolar.

METODOLOGIA

Para atingirmos os objetivos propostos, foi desenvolvida uma pesquisa de cunho qualitativo, cujos principais procedimentos metodológicos consistiram na pesquisa participante e nas *escrevivências* – escrita da vivência e do corpo negro –, conceito foi elaborado por Conceição Evaristo. Outrossim, foi priorizado o diálogo compartilhado com a comunidade escolar, principalmente professoras (es) de Geografia, coordenação pedagógica e estudantes do Ensino Médio, a fim de nos aproximarmos das vivências e de potencializarmos trajetórias e geografias dos sujeitos sociais.

Selecionamos uma instituição de ensino como “escola-piloto” para execução de algumas intervenções que serão apresentadas na Cartilha: a Escola Estadual Floriano Viegas Machado localizada em Dourados/MS. A escolha se deve ao fato de que uma das pesquisadoras faz parte do corpo docente, sendo uma observadora participante e praticante nela. Isso permite a contribuição de suas *escrevivências*.

Para entendermos como as questões étnico-raciais são formalizadas, buscando identificar – ou não – a efetiva incorporação da obrigatoriedade do Ensino e Cultura Afro-brasileira e Africana e EREER na escola supracitada, realizamos análise de seu PPP e propomos uma “Cartilha Antirracista” em modelo digital, fruto de construção coletiva entre a professora/pesquisadora e a comunidade escolar, contemplando sugestões metodológicas centralizadas nas Geo-grafias Negras, atendendo a legislação vigente e do Currículo de Referência do Mato Grosso do Sul.

Tendo em vista uma abordagem teórico-metodológica interdisciplinar e de múltiplas linguagens (material-apoio como fotografias, livros, filmes, jogos, mapas, etc.), sob o pressuposto de transmitir os conteúdos escolares para além de uma forma convencional (OLIVEIRA e NUNES, 2023), atuamos de forma interdisciplinar com as áreas do conhecimento do Ensino Médio: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (na qual a Geografia

está inserida); Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias e Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

Durante as primeiras intervenções “pilotas” das propostas que integram a “Cartilha Antirracista” na Geografia e nas demais disciplinas, foram produzidos e analisados registros imagéticos e colhidas as percepções através de *escrivências* de corpos de estudantes negra(o)s e demais sujeitos sociais (comunidade escolar) que participaram da pesquisa, constituindo um trabalho coletivo junto às vivências da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, existe uma luta histórica do Movimento Negro e das(os) educadoras(es) negras(os) e não negras(os) antirracistas que visa à ampliação de propostas na Educação Escolar ao longo da vida, que se opõem à escola eurocentrada e ao currículo colonial e ocidental. No entanto, as práticas pedagógicas das(os) professoras(es) brasileiras(os) e sul-mato-grossenses conservaram-se influenciadas por um modelo monocultural que valoriza a matriz ocidental do conhecimento (Cordeiro e Diallo, 2021), ao passo que “somente nos últimos anos, a Geografia passou a se preocupar com as questões raciais, que atravessa o corpo de maioria da população brasileira” (Santos, 2022, p. 204).

Massey (2008) aponta que a espacialidade sempre é volúvel, pois “lugares, em vez de serem localizações de coerência, tornam-se os focos do encontro e do não-encontro do previamente não-relacionado, e assim essenciais para a geração do novo” (p. 111).

Diante disso, há que se mencionar como são pensadas as Geografias (em suas pluralidades) e as compreensões de espaço – conceito que fundamenta a maior parte das concepções e práticas pedagógicas presentes nesta ciência (NUNES, 2019) –, admitindo-se a(s) realidade(s) escolar(es) e o contexto no qual a(o/s) docente(s) de Geografia está (estão) inserida(o/s). Por esta razão, a escola é ambiente de potencialidades de espaço, de pensar as Geografias Negras (Guimarães, 2020), considerando as múltiplas trajetórias e questionando formas eurocêntricas e coloniais de leitura do mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de ações e atividades exitosas realizadas nos últimos anos – tanto na instituição pesquisada, como na rede de ensino estadual –, ao analisar o PPP da escola Floriano Viegas, reconhecemos enquanto comunidade escolar um “silêncio”, do ponto de vista normativo,

perminente às questões étnico-raciais, EREER e ações efetivas para alcançar uma Educação Antirracista no documento.

Assim, consideramos que a falta de dados, também é um dado, visto que, ao pensar o PPP como um instrumento coletivo, democrático e emancipador que orienta e legitima as práticas educativas na/da escola, entendemos que é imprescindível que nele conste como a escola pretende não apenas veicular conteúdos referentes à História e Cultura afro-brasileira e africana, mas também contribuir na Promoção da Igualdade Racial e na Educação das Relações Étnico-raciais (Diallo, 2018).

Pensando, então, em fortalecer as legislações vigentes, principalmente a 10.639/2003, colocá-la em prática no chão da escola, para ser apropriada pela comunidade escolar ao longo da vida (não apenas em novembro, mês dedica à Consciência Negra) e assim contribuir na formação de sujeitos críticos aos corpos que ocupam e atentos ao espaço que (re)produzem, em reuniões de alinhamento e leitura prévia das referências com professores e estudantes⁵, realizamos os primeiros planejamentos de práticas com Geo-grafias Negras contemplando as habilidades do currículo de referência do Mato Grosso do Sul de forma coletiva e participativa.

Após planejamento, iniciamos com a primeira proposta interdisciplinar no 3º ano do turno noturno da escola, contemplando Ciências humanas e sociais aplicadas e Ciências da Natureza e suas tecnologias, conectando as disciplinas de Geografia e Química com o tema “Introdução à ciência e saberes negros” contando com a obra *A História Preta das Coisas: 50 Invenções Científico-Tecnológicas de Pessoas Negras* (Pinheiro, 2021) como principal recurso. Para tal, elencamos as seguintes habilidades do Currículo de Referência estadual, respectivamente:

- (MS.EM13CHS606)⁶ – Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

⁵ Contamos com a colaboração de 4 estudantes bolsistas do projeto “Fortalecendo a Lei 11.645/08: práticas e metodologias na educação básica”, coordenado por Lidianne Cristina Lopes Garcia de Souza fomentado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT).

⁶ A leitura da estrutura do código alfanumérico está organizada da seguinte maneira: **(MS)** – corresponde ao estado de Mato Grosso do Sul; **(EM)** – corresponde à etapa da educação básica, Ensino Médio; **(13)** – indica que a habilidade pode ser desenvolvida do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio; **(CHS)** – refere-se à Área de Conhecimento; **(6)** – refere-se ao número da competência específica; **(06)** – refere-se ao par de dígitos indicador da habilidade.

- (MS.EM13CNT305) – Investigar e discutir o uso indevido de conhecimentos das Ciências da Natureza na justificativa de processos de discriminação, segregação e privação de direitos individuais e coletivos, em diferentes contextos sociais e históricos, para promover a equidade e o respeito à diversidade.

Em roda de conversa, incentivamos a reflexão e participação dos estudantes, discutimos a obra e propomos para a turma pesquisas sobre as invenções, o que resultou em uma exposição com cartazes dos resultados alcançados.

Figura 1 – Exposição sobre a obra História Preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras



Fonte: Boico, 2025.

Figura 2 – Cartazes produzidos pelos estudantes do 3º ano baseado na obra História Preta das coisas.



Fonte: Silva, 2025.

Ao logo das aulas em que a atividade foi proposta, presenciamos certo espanto e êxtase dos estudantes ao “descobrir” e debater a origem de invenções presentes no cotidiano dos estudantes, percebemos satisfação dos mesmos quanto à similaridade da ancestralidade e representatividade que estes cientistas passaram a possuir a partir de então.

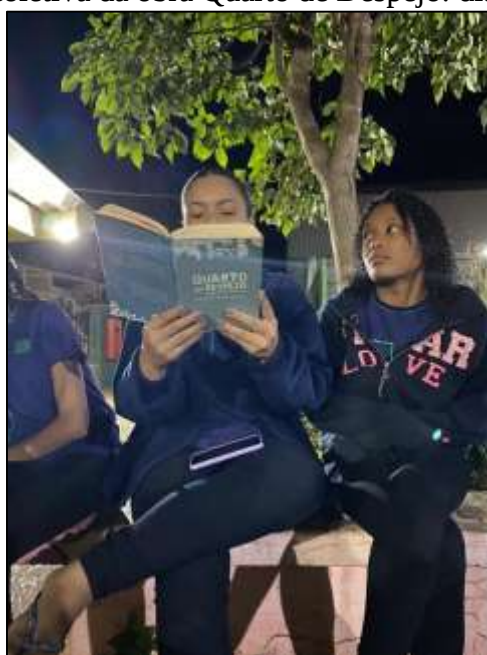
Para debater a literatura afro-brasileira entre as disciplinas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagens e suas Tecnologias, de forma coletiva e interdisciplinar entre professores e toda comunidade, para a segunda proposta de prática de Geo-grafia- negra, trabalhamos o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (Jesus, 2014) para alcançar as seguintes habilidades:

- (MS.EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

- (MS.EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

Realizamos leituras coletivas com turmas do 3ºano ao longo do 2º bimestre nas disciplinas de Geografia, Sociologia, Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual e Arte, orientando coletivamente, contando com as especificidades de cada área, a produção de diários de leitura.

Figura 3 – Leitura coletiva da obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada.



Fonte: Silva, 2025.

Entre leituras coletivas e reflexões durante as aulas, os estudantes, principalmente negros, e professores compartilharam suas escrevivências em sala de aula e no pátio da escola. Percebemos que os contextos socioespaciais aos quais estamos inseridos, estão próximos ao de Carolina da década de 1950.

A figura a seguir trata-se de um registro bastante simbólico. Lado a lado, duas edições da mesma obra, uma recente de 2014– pertencente à professora – e outra de 1960, posse de uma estudante, quem relata tê-la ganhado de sua avó – que lastimavelmente, por sua vez, a jogaria no lixo, não fosse o resgate. Fora a dor/espanto/incômodo de notar/saber que o exemplar foi recuperado praticamente por força do acaso, para nós tal registro materializou vivamente/nitidamente passado e presente de trajetórias, tanto nossas, enquanto leitoras, como de Carolina Maria de Jesus, cuja obra permanece assente nos artefatos e culturalmente, material e imaterialmente.

Figura 4 – Edições da obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada.



Fonte: Silva, 2025

A estudante, agora dona da relíquia que teria sido rejeitada pela avó, durante as aulas, compartilhou os trechos lidos que mais lhe chamaram a atenção. A maior parte deles circunda episódios nos quais Carolina faz uma aproximação/comparação entre a fome e a cor “amarela”, esta que, a ela, aparenta possuir a dor do estômago vazio.

Figura 5 – Diários de leitura.



Fonte: Santos, 2025

Os diários foram expostos no “Café com Carolina”, evento de culminância, que organizamos com apoio da Pós-Graduação em Geografia e o Projeto Territórios de Escrevivências da UFGD, para mobilizar a comunidade escolar para reflexões envolvendo a obra protagonizadas pelos estudantes materializadas em apresentações artísticas como peça de teatro, canções e exposições artísticas contando com participação ativa da escola.

Figura 6 – Organização do Café com Carolina.



Fonte: Silva, 2025.

Figura 7 – Folder de divulgação e xícara para o Café com Carolina.



Fonte: Boico, 2025.

Figura 8 – Café com Carolina.



Fonte: Boico, 2015

Estas primeiras práticas realizadas no ano de 2025 que irão compor a Cartilha Antirracista, produto final deste projeto, possibilitou aprofundamento teórico-metodológico e práticas de pesquisa afetivas que se comunicam com o cotidiano de estudantes e comunidade escolar da rede pública do estado.

Para além do incentivo à pesquisa, valorização e amadurecimento intelectual de estudantes e professores, esperamos que o material interdisciplinar proposto em forma dessa cartilha em construção fortaleça as Geografias Negras, as Geo-grafias Negras e as relações étnico-raciais com práticas protagonizadas pela comunidade, reconhecendo suas identidades para alcançar transformações reais na sociedade, uma iniciativa voltada ao campo da EREER.

A partir do procedimento de *escrevivências*, o trabalho aproximou as pesquisadoras e a comunidade escolar da discussão do conceito de espaço proposto por Massey (2008), pois foram consideradas as imaginações, as trajetórias e as multiplicidades, demonstrando como corpos negros são e (re)produzem o espaço, consolidando a pesquisa como participante.

Entendemos que “o modo como pensamos o espaço afeta – e por que não dizer, molda – também como tratamos (ensinamos?) o espaço na Geografia” (NUNES, 2019, p.3). Assim, o conceito de espaço, bem como o concebemos – imaginamos (MASSEY, 2008) e ensinamos –

é o que se materializa nas práticas e nas representações que (re)produzem na comunidade escolar, visto que a forma como pensamos o espaço refletirá na prática pedagógica e na Geografia que acontece no chão da escola. Assim, ao refletir a espacialidade com criticidade de forma antirracista, este espaço que nossos(as) estudantes irão compreender será (re)produzido dentro e fora da escola e contribuiremos na construção de Geografias Negras.

Desta forma, alicerçada na realidade das escolas da rede estadual de ensino no município de Dourados, onde a Educação Antirracista ainda não faz parte da maioria das instituições, o produto educacional – “Cartilha Antirracista” – possibilitou pensar e praticar Geografia e o seu ensino sob uma perspectiva antirracista, erigidos a partir Geo-grafias Negras, identificando assim raízes, trajetórias, perspectivas, realidades, diversidades, desigualdades para contribuir para formação de sujeitos críticos e seguros em meio à realidade socioespacial na qual seus corpos estão inseridos e que tornam o espaço múltiplo e social.

Figura 9 – Capa da Cartilha Antirracista (2025)



Autores: Souza e Santos, 2025

Destacamos ainda que o material foi incluído como recurso pedagógico sugestivo na escola e facilitou o planejamento de aulas coletivas interdisciplinares com turmas do ensino médio da “escola-piloto”, para que docentes reafirmem o campo da ERE e principalmente os professores de Geografia contribuam na contração de Geo-grafias Negras e Geografias Negras no Mato Grosso do Sul.



A movimentação das relações no espaço escola contribui para fomentar o diálogo à “atualização” do PPP da escola Viegas, incluindo neste documento os projetos, atividades práticas e ações desenvolvidas, o que significa respaldo para cumprimento da Lei no chão da escola.

Constatamos, por fim, que precisamos de uma nova construção pedagógica atenta aos desafios do século XXI (NOVOA, 2019), como, por exemplo, a diversidade em sala de aula, que exige da(o/s) docente(s) um trabalho em equipe, pensando coletivamente sobre desigualdades, privilégios e hierarquizações. Percebemos que vale a pena utilizar o procedimento metodológico de *escrevivências* para produção da cartilha de forma coletiva e participativa com comunidade escolar para contribuir com uma Educação Antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados, este trabalho assegura que a reflexão sobre práticas pedagógicas antirracistas construídas pela Geografia de forma interdisciplinar é viável e necessária, posto que é possível existir uma escola que tenha um projeto pedagógico que prima pelo antirracismo, que considere a realidade socioespacial de sua comunidade e que faça dialogar com as orientações normativas e curriculares da educação brasileira e com o referencial curricular do Mato Grosso do Sul.

Portanto, é crucial refletir acerca das contribuições que o campo das Geografias Negras pode oferecer para a reflexão das categorias de etnia, raça, racismo e EREER no espaço escolar, tanto nas práticas docentes como nas nossas vivências cotidianas e de espacialidades. Aperfeiçoar a leitura das práticas cotidianas e elucidar o olhar geográfico a partir de Geo-grafias Negras e das *escrevivências* são um caminho legítimo e enriquecedor para o processo de diálogo entre as (re)produções socioespaciais do cotidiano e do mundo em sua totalidade. Evidencia-se, assim, a importância de saber observar a realidade vivida, compreender o entorno, os fazeres cotidiano, e, sobretudo, reconhecer-se reconhecendo o outro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.639/2003** (lei ordinária) de 09 de janeiro de 2003. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm > Acesso em: 07 fev. 2025.

BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais.** Disponível em <

https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_etnicoraciais.pdf > Acesso em: 07 fev. 2025.

CORDEIRO, M. J. de J. A., DIALLO, C. S. Formação Continuada como espaço criativo de práticas antirracistas no cenário escolar. IN GONÇALVES, L. D., ROCHA, R. M. de C. (Orgs). **Relações étnico-raciais:** espaço escolar e não escolar na efetivação da luta antirracista. XI COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, p.61-77, 2021.

GONZALEZ, L. A mulher Negra na Sociedade Brasileira. In. LUZ, Madel T (Org.). **O Lugar da Mulher:** Estudos sobre a Condição Feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 87-106, 1982.

GUIMÃRES, G. F. Geo-grafias Negras & Geografias Negras. **Revista da ABPN (2020).** v. 12, n. ED. Especial – Caderno Temático: “Geografias Negras”. p. 292-311. Acesso em: 26 Ago. 2025.

JESUS, M. C. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10. ed. - São Paulo: Ática, 200p. 2014.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NOVOA, A.. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola.** Educ. Real., Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623684910>. Acesso 02 Ago. 2024.

NUNES, F. G. (2019). Outras imaginações espaciais: tensões e desestabilizações na geografia escolar. **Revista Signos Geográficos**, 1, 13. Recuperado de <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/60172>. Acesso em: 10 mar. 2025.

OLIVEIRA, A. L. R.; NUNES, F. G. . **O cinema de animação no ensino de Geografia:** potencialidades para além da reprodução do 'real'. GEO UERJ (2007), v. 43, p. 1-15, 2023.

SANTOS, M. **Ser negro no Brasil hoje:** ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro. Folha de São Paulo, São Paulo, domingo, 07 de maio de 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0705200007.htm>. Acesso em: dez. 2024.

SANTOS, A. C. dos. **Gentes Negras da Baixada:** deslocamentos e Geografias em uma cidade do agronegócio. 2022. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados– UFGD, Dourados, 2022.